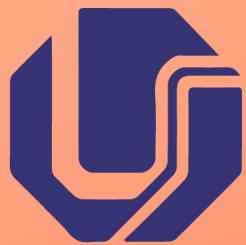




DIREITOS HUMANOS EM TEMPOS DE COVID-19





UFU

ESSE PROJETO FAZ PARTE DO
PROGRAMA REDE DE
EXTENSÃO- UFU EM CASA

ORGANIZAÇÃO

ANNA JÚLIA FERREIRA SILVA
BÁRBARA MARTINS FARIA
LEONARDO BRAGA GONÇALVES
LÍVIA CRISTINA SOARES PANZO
MARIA ELISA PEREIRA DE GODOY
VINÍCIUS FERREIRA RENDE

DIAGRAMAÇÃO

VINÍCIUS FERREIRA RENDE

REVISÃO

WALLISEN TADASHI HATTORI

SUMÁRIO

01	CORONAVÍRUS E OS DIREITOS HUMANOS	3
02	ORIENTAÇÕES GERAIS.....	4
03	A SITUAÇÃO DAS FAVELAS	5
04	POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA....	7
05	VIOLÊNCIA BASEADA EM GÊNERO.....	8
06	PROFISSIONAIS DO SEXO E O DESAMPARO DO ESTADO.....	10
07	PESSOAS VIVENDO COM HIV	11
08	POPULAÇÃO LGBTQIA+	13



O CORONAVÍRUS E OS DIREITOS HUMANOS

APRESENTAÇÃO

O surgimento dos primeiros casos de novo coronavírus ocorreram na cidade de Wuhan, na China, no final do ano de 2019. A doença chamada de COVID-19 é causada pelo vírus chamado de Sars-CoV-2, acredita-se que esse vírus tenha como hospedeiros o morcego e o pangolim, um animal que é utilizado na alimentação em algumas regiões da China.

A rápida disseminação da doença para diversas partes do mundo levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar a pandemia no dia 11 de março de 2020. Desse modo, vários países determinaram estado de calamidade pública, uma vez que não conseguem lidar com o aumento acelerado de casos que sobrecarregam o sistema público e privado de saúde.

Diante da situação de crise sanitária e política que nos encontramos, essa cartilha abordará as questões dos principais grupos minoritários afetados durante a epidemia do Coronavírus. O objetivo é levar até você a discussão acerca do agravamento das vulnerabilidades sociais durante períodos de crise.

Dessa forma, esperamos estimular a discussão sobre os Direitos Humanos e impactar positivamente na redução do preconceito e da estigmatização dos grupos vulneráveis.

*“O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.”*

-Carlos Drummond de Andrade

Que o nosso distanciamento seja apenas físico. Que nossa mente e coração estejam cada vez mais próximo daqueles que nós amamos!

FONTES INFORMATIVAS DE CONFIANÇA

É comum durante momentos de surto surgir diversas mídias veiculando informações falsas ou alteradas. Não propage informações de cunho preconceituoso ou duvidoso! Aqui vai algumas fontes confiáveis para ficar por dentro do que está acontecendo:

- Ministério da Saúde: www.coronavirus.saude.gov.br
- Secretárias Municipais de Saúde, em Uberlândia: www.uberlandia.mg.gov.br/coronavirus/
- Boletim epidemiológico de Uberlândia: www.beudiufu.wixsite.com/website
- Imprensa confiável: BBC Brasil, G1, R7



ORIENTAÇÕES GERAIS

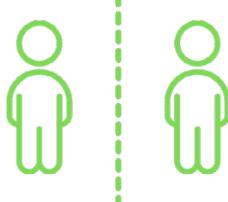
ORIENTAÇÕES E CUIDADOS



Higienize suas mãos com frequência, utilize álcool em gel por cerca de 20 a 30 segundos ou água com sabão durante cerca de 40 a 60 segundos.

Vídeo de como lavar a mão: youtu.be/rsQlylwetsE

Ao tossir ou espirrar, cubra o nariz e a boca com a parte interna do cotovelo flexionado ou com um lenço, que deve ser descartado logo depois. Evite também tocar olhos, nariz e boca.



Evite frequentar espaços fechados e com aglomeração de pessoas. Sempre mantenha pelo menos um metro de distância das pessoas.



Evite sair na rua, se possível só saia de casa para ir ao mercado farmácias e hospitais. Lembre-se de utilizar a máscara ao sair de casa, isso contribui para a sua proteção e a proteção de outra pessoas. A máscara deve ser trocada a cada duas horas e deve ser retirada segurando o elástico.

As embalagens e alimentos podem ser veículos para o transporte do vírus. Lembre-se, ao chegar em casa higienize as embalagens antes de guardar e os alimentos antes de consumir.



A SITUAÇÃO DAS FAVELAS

INTRODUÇÃO

Analisando a situação caótica, é inevitável o questionamento sobre os impactos do novo coronavírus na população, sobretudo no que se refere aos grupos marginalizados, que são os mais prejudicados. No Brasil, a formação das favelas é resultado do crescimento urbano desordenado que ocorreu a partir da segunda metade do século XX.

Essas construções estão localizadas em terrenos irregulares que são desprovidos de infraestrutura para fornecer serviços básicos como saneamento básico, água e esgoto tratados e coleta de lixo. Além disso, abrigam moradores de baixa renda que, muitas vezes, garantem a subsistência a partir do trabalho informal (PASTERNAK; D'OTTAVIANO, 2016).

A VULNERABILIDADE SOCIAL EM PAUTA



Nas favelas é extremamente complexo aplicar as orientações de isolamento social e higienização, uma vez que existem casas que abrigam vários integrantes da família que compartilham cômodos, grande parte dos habitantes não possuem acesso à água tratada para realizar a higienização e os moradores não podem interromper suas atividades de trabalho, visto que são altamente dependentes delas para a garantia da subsistência

Há uma atuação ineficaz do governo para atender as especificidades das favelas, frear a disseminação do vírus e garantir direitos sociais que estão previstos na Constituição Brasileira de 1988, como acesso a saúde, alimentação, trabalho, transporte, lazer, moradia e educação são exemplos emblemáticos do termo “necropolítica”, defendido por Archille Mbembe diz respeito a forma que a política é realizada para atender apenas grupos prioritários, deixando as populações marginalizadas em situação ainda pior, sendo essa política responsável por determinar a morte de pessoas que fazem parte dessas minorias.



MOBILIZAÇÕES VIRTUAIS



A hashtag #Covid19NasFavelas tem sido utilizada em diversas redes sociais para denunciar a situação nas comunidades, para informar o número de mortos e de infectados e para arrecadar cestas básicas para famílias em situação de vulnerabilidade

O vídeo “[Bolsonaro Won't Help With Coronavirus, so Brazil's Favelas are Helping Themselves](#) (Bolsonaro Vão Vai Ajudar com o Coronavírus, então as Favelas do Brasil estão se Ajudando)” publicado pelo jornal britânico The Guardian mostra a repercussão do uso das mídias sociais no combate a COVID-19



A SITUAÇÃO DAS FAVELAS



VOCÊ SABIA?

Paraisópolis é considerada a segunda maior favela da cidade de São Paulo e diante do descaso governamental para combater a expansão da doença na comunidade, os moradores criaram ideias inovadoras e que se adaptam a realidade local. Dessa forma, foram eleitos 420 “presidentes de rua”, cada um deles é responsável por gerir 50 casas, ou seja, estão de prontidão para conferir a situação dos moradores, verificar se há o aparecimento de sintomas do novo coronavírus e se famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica estão precisando de auxílio financeiro. Além disso, foram contratados profissionais da saúde para atender qualquer complicaçāo.



POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

INTRODUÇÃO

Desde a formação das primeiras comunidades, até os dias atuais, ocorreram uma série de mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais que norteiam a vida em sociedade.

No sistema socioeconômico vigente é possível observar uma relação desigual entre quem possui os meios de produção e quem produz de fato. Consequentemente, origina-se as discrepâncias em relação às posses, aos tratamentos e aos serviços, que para alguns são escassos ou até mesmo inexistentes. Esse é o cenário em que se encontra a população em situação de rua, um grupo de pessoas que possuem em comum a pobreza extrema e a ausência de uma moradia, utilizando locais públicos como espaço de moradia.

A VULNERABILIDADE SOCIAL EM PAUTA



Direito a saúde e moradia estão descritos no artigo 6º da Constituição Federal de 1988. No entanto, tais direitos são negados a essa parcela da população, principalmente o direito ao acesso não discriminatório à saúde.



“Por que as pessoas estão usando máscara?”

Esse é um relato captado de uma pessoa em situação de rua pelo movimento SP invisível. Assim, percebe-se um contexto preocupante, pois se não existe conhecimento sobre a doença, também não existe prevenção, a qual já era dificultada pela realidade que essas pessoas estão inseridas.



Uma boa alimentação é fator importante para o bom funcionamento do corpo. Caso esse organismo não esteja em bom estado de saúde, sua resposta contra um agente agressor, como o novo coronavírus, pode ser comprometida, facilitando a progressão da doença. Logo, a população não domiciliada é um grupo vulnerável.

A existência de doenças prévias é uma das principais agravantes da infecção pelo coronavírus. Algumas doenças são mais comuns na população não abrigada do que no restante da população em geral, como é o caso de algumas Infecções Sexualmente Transmissíveis.



VOCÊ SABIA?



A prevalência de HIV na população em situação de rua é mais elevada do que no restante da população (GRANGEIRO, 2012). O acesso a saúde por essa população já é restrito e o isolamento social se torna um agravante.

VIOLÊNCIA BASEADA EM GÊNERO

INTRODUÇÃO

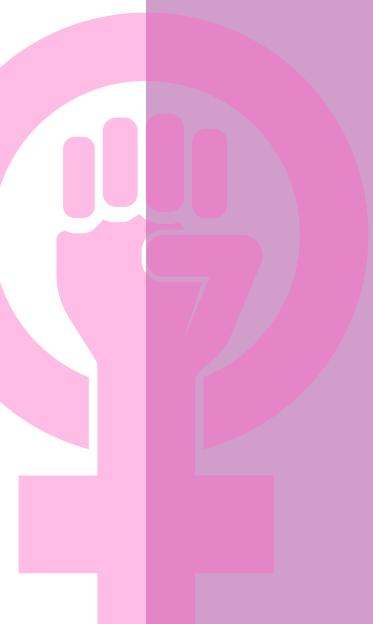
Diante do cenário de isolamento social, grande parte da população se encontra em suas casas, junto de seus familiares, o que é muito eficiente no combate ao novo coronavírus. Por outro lado, esse fenômeno gera a aproximação entre vítimas e agressores no contexto da violência doméstica baseada em gênero, que é qualquer agressão física ou psicológica contra uma mulher utilizando como justificativa o seu gênero.

A VULNERABILIDADE SOCIAL EM PAUTA



De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) -departamento da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável por questões populacionais- 70% das equipes de saúde e assistência social são compostas por mulheres, que formam a linha de frente de combate ao novo coronavírus. A isso, se soma a dupla jornada de trabalho, ou seja, quando chegam em casa, já exaustas pelo trabalho, ainda vão cuidar de suas casas, seus filhos e demais familiares, o que culmina no aumento da vulnerabilidade das mulheres.

Dentro de casa a desigualdade está presente na distribuição dos serviços, já que dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, mostram que a contribuição dos homens com os serviços domésticos é bem inferior que a das mulheres. Os dados de 2018 mostram que as mulheres dedicam, em média, 21,2 horas para tais atividades, em contrapartida, os homens dedicam 10,9 horas.



O QUE FAZER PARA REDUZIR A VIOLÊNCIA BASEADA EM GÊNERO?



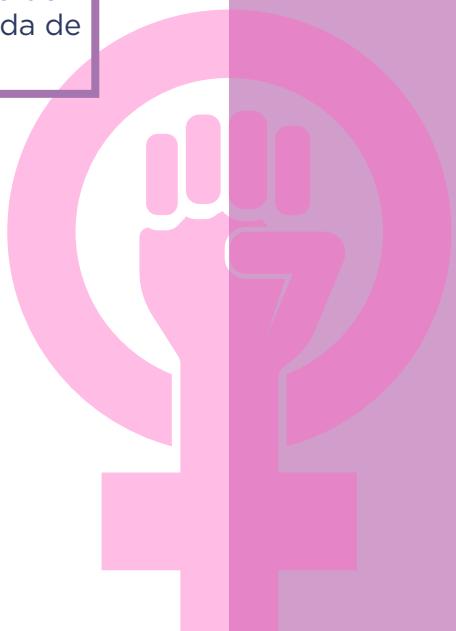
- Compartilhar as tarefas (divisão das tarefas de casa, como limpeza e cuidar dos filhos).
- Se tiver filhos, dedique um tempo do seu dia para brincarem juntos, use a criatividade para criar brincadeiras.
- Ler, ouvir e compartilhar histórias de mulheres como meio de empoderamento (livros, filmes, documentários sobre o feminismo). Dicas do que assistir: “Big Little Lies (Pequenas Grandes Mentiras), Coisa Mais Linda, TED Talk- [Empower a girl, transform a community](#) (Emponderar uma garota, transformar uma comunidade).”
- Conversar sobre igualdade de gênero com toda a família (inclusive e principalmente com as crianças);
- Cuidado com a saúde mental (técnicas como atenção plena e meditação podem auxiliar).

VIOLENCIA BASEADA EM GÊNERO



VOCÊ SABIA?

A relatora especial das Nações Unidas sobre violência contra as mulheres está recolhendo dados de todos os países sobre o aumento da violência contra mulheres no momento atual de crise. Essa busca procura esclarecer alguns pontos acerca do impacto da quarentena no aumento de casos de violência baseada em gênero, como os Estados estão lidando com isso, quais medidas de proteção estão sendo usadas e quais os obstáculos encontrados no combate desse tipo de violência no atual cenário. Essas informações auxiliaram na tomada de providências, por parte dos Estados, no combate da violência.



PROFISSIONAIS DO SEXO

INTRODUÇÃO

Em meio a atual pandemia, surgiram diversas discussões acerca dos desdobramentos do isolamento social na economia do país. Um dos grupos mais vulneráveis a essa situação são os trabalhadores autônomos e informais, dentre eles merecem destaque as profissionais do sexo, visto o amplo espectro de risco ao qual estão submetidas.

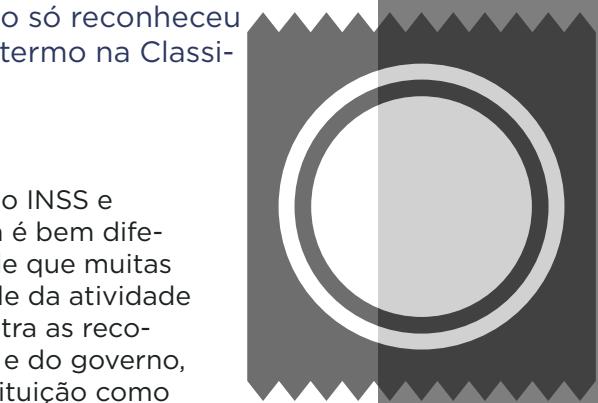
Tal profissão, apesar de ser uma das mais antigas, é uma das que mais sofre estigmatização. No Brasil, o Ministério do Trabalho só reconheceu a prostituição como profissão em 2002, adicionando o termo na Classificação Brasileira de Ocupações.

A VULNERABILIDADE SOCIAL EM PAUTA



Mesmo com possibilidade de se cadastrarem no INSS e poderem se aposentar, o que vemos na prática é bem diferente, visto que o estigma da sociedade impede que muitas formalizem o trabalho. Isso gera a continuidade da atividade em diversas zonas de prostituição, mesmo contra as recomendações da Organização Mundial da Saúde e do governo, devido ao fato de que muitas possuem a prostituição como única fonte de renda.

Além da falta de trabalho, ainda se somam o preconceito e o abandono por parte do poder público em garantir direitos básicos para a categoria, visto que a maior parte dos projetos voltados a elas só falam de prevenção contra HIV e outras IST, não levando em consideração outras temáticas que permeiam essa realidade, como a falta de regulamentação dos bordéis e a dificuldade de acesso ao sistema de saúde.



AÇÃO DE MITIGAÇÃO?

Uma alternativa que está sendo utilizada por muitas é o uso da internet como tentativa de compensar a queda no movimento durante a quarentena. A sugestão foi até mesmo citada na cartilha de combate ao coronavírus do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Nesse documento, as profissionais do sexo, juntamente com trabalhadores autônomos e pessoas sem renda fixa são considerados como os mais prejudicados dos efeitos da quarentena, sugerindo a opção *online* como alternativa: “Mas não é na crise que nascem as boas ideias? Se tiver que trabalhar, converse com seus clientes, tente a opção do serviço virtual.”

“Já somos vistos como vetor de doenças, e agora também nos olham como responsáveis pela propagação do coronavírus.”

-Santuzza de Souza (reportagem TAB UOL)

A falta de informação é a maior inimiga diante de crises. Não devemos contribuir para a estigmatização dessa população ou qualquer outra. Reflita sobre seus privilégios e sobre suas atitudes!

PESSOAS CONVIVENDO COM HIV

INTRODUÇÃO

Em meio a crise sanitária que a COVID-19 representa, é necessário levantar a discussão sobre as formas como os grupos minoritários de pessoas convivendo com HIV são afetados durante esse período.

É importante ressaltar que de acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), o risco de pessoas convivendo com HIV desenvolverem a forma grave da COVID-19 ainda não é conhecido.

No entanto, sabe-se que pessoas convivendo com HIV que não estão em terapia efetiva podem ter o sistema imunológico comprometido, ou seja, as defesas do seu corpo estão fracas, e isso as tornam mais vulneráveis a infecções oportunistas e doenças mais graves.

A VULNERABILIDADE SOCIAL EM PAUTA



O estigma e a discriminação são os principais obstáculos para a luta contra o HIV, uma vez que geram o medo de procurar por informações e pelos serviços de auxílio e testagem. A falta de informação correta leva diversas pessoas a terem a ideia errada de que o diagnóstico positivo para HIV é uma sentença de morte, isso acaba gerando medo.

Além do medo, tem-se o preconceito, segundo a UNAIDS mais da metade das pessoas que vivem com HIV sofreram algum tipo de discriminação, inclusive por profissionais da saúde. Esse preconceito muitas vezes leva ao isolamento social dessas pessoas,



CUIDADOS

- Durante a epidemia, pessoas vivendo com HIV devem manter o tratamento com antirretrovirais, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda ter disponível em casa medicamentos para 3 meses ou mais de tratamento. Infelizmente isso não é possível em todos os locais, entre em contato com seu médico para verificar a disponibilidade.
- Mantenha o contato com seu médico para sanar qualquer dúvida que possa surgir durante esse período.

PESSOAS CONVIVENDO COM HIV



O QUE A EPIDEMIA DE HIV E AIDS DA DÉCADA DE 90 NOS ENSINOU?

Com a epidemia de HIV e Aids na década de 90, observamos que a falta de acesso a informações corretas, a preocupação com o desemprego e o medo do estigma e da discriminação em caso de diagnóstico positivo, afetaram negativamente a saúde mental e psicológica das pessoas. Além disso, tais fatores podem levar a abusos dos direitos humanos e contribuir para a marginalização de grupos vulneráveis.

Por isso, é importante que as autoridades, os profissionais de saúde, as comunidades e a mídia adotem posturas não discriminatórias, sem associar o vírus a uma região, nacionalidade, raça específica ou outros grupos particulares. Dessa forma, podemos evitar que surjam comportamentos discriminatórios e que nenhuma comunidade seja isolada ou privada de seus direitos humanos.



VOCÊ SABIA?

Quando falamos “**HIV**” estamos referindo ao vírus. Fique ligado: não existe vírus da Aids! A “**Aids**” é uma síndrome clínica que pode ocorrer em pessoas vivendo com HIV que não possuem uma terapia efetiva.



Nunca utilize o termo “**aidético**”, esse termo é ofensivo. A forma correta é “**pessoa vivendo com HIV**”.

SERVIÇOS DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO

Você pode encontrar todos os serviços ambulatoriais especializados em: www.aids.gov.br/pt-br/acesso_a_informacao/servicos-de-saude

Em Uberlândia:

Ambulatório Hebert de Souza com equipe especializada em IST, HIV e Aids.

Telefone: (34) 3215-2444

R. Avelino Jorge do Nascimento, 15 - Pres. Roosevelt

LGBTQIA+ E A COVID-19

INTRODUÇÃO

A atual crise pública causada pela disseminação do Coronavírus é uma emergência global que tem implicações nos mais diversos âmbitos da sociedade. Por essa razão, é importante discutir a situação da população LGBTQIA+ em meio a pandemia. Sabe-se que essas pessoas sofrem com taxas mais altas de condições de saúde subjacentes, como diabetes, doenças cardíacas, câncer, problemas respiratórios associados ao tabagismo e sistemas imunológicos comprometidos contra doenças crônicas como o HIV, as quais podem estar associadas a uma manifestação mais severa da COVID-19.

Além disso, essa população sofre disparidades na saúde, o que cria barreiras para o acesso a assistência médica. De acordo com o Balanço Anual Sobre as Violações Contra a População LGBT, a negligência a assistência à saúde representa 25% de toda as violações sofridas pela população LGBT.

PRINCIPAIS PAUTAS LGBTQIA+



Com a sobrecarga dos sistemas de saúde, tratamentos de pessoas LGBTQIA+ podem ser interrompidos ou despriorizados, dentre esses tratamentos estão tratamento hormonal e de bloqueio e o acompanhamento psicoterapêutico.

Além da dificuldade do acesso ao sistema de saúde, uma das principais preocupações descritas pela LGBT Foundation é o aumento da violência contra a população LGBTQIA+, uma vez que o ambiente familiar se demonstra como sendo o principal local de violência contra essa população como mostram os dados do Programa Rio sem Homofobia.



ORIENTAÇÕES

- Mantenha as medidas de higiene para o combate ao COVID-19
- Em caso de pessoas que estão realizando algum tratamento médico ou psicoterapêutico, deve-se verificar a possibilidade de continuação durante o período de quarentena
- Manter contato virtualmente com os amigos, conhecidos e entes queridos. Esse processo ajuda na manutenção da saúde mental
- Em caso de qualquer violência **DISQUE 100**

REFERÊNCIAS

A INFLUÊNCIA da estigmatização social em pessoas vivendo com HIV/AIDS. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S. I.], p. 1-7, 19 jan. 2011. Disponível em: http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2011_2/artigos/csc_v19n2_157-163.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

BALANÇO Anual sobre as Violações Contra a População LGBT. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**, [S. I.], p. 1-9, 31 mar. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/junho/Balanco_Geral_2011_a_2018___LGBT.xls. Acesso em: 22 abr. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BOLSONARO won't help with coronavirus, so Brazil's favelas are helping themselves. **The Guardian**, Londres, 21 de abri de 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/video/2020/apr/21/bolsonaro-wont-help-with-coronavirus-so-brazils-favelas-helping-themselves-video>>. Acesso em 23 de abr. de 2020.

COVID-19 AND THE HUMAN RIGHTS OF LGBTI PEOPLE. **Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights**, [S. I.], p. 1-2, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/LGBT/LGBTIpeople.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

COVID-19: dupla jornada aumenta vulnerabilidade das mulheres, diz ONU. [S. I.], 23 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/covid-19-dupla-jornada-aumenta-vulnerabilidade-das-mulheres-diz-onu/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

COVID-19 não torna homens agressivos. A violência vem do machismo histórico. [S. I.], 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasiliatual.com.br/cidadania/2020/04/covid-19-homens-agressivos-violencia-contra-mulher-machismo/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

COVID-19: ONU Mulheres lista 9 ações para eliminar as desigualdades de gênero dentro de casa. [S. I.], 6 abr. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/covid-19-onu-mulheres-lista-9-acoes-para-eliminar-as-desigualdades-de-genero-dentro-de-casa/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

FAVELAS serão as grandes vítimas do coronavírus no Brasil, diz líder de Paraisópolis. **BBC News Brasil**, São Paulo, 18 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51954958>> Acesso em 24 de abr. de 2020

GRANGEIRO, Alexandre et al . Prevalência e vulnerabilidade à infecção pelo HIV de moradores de rua em São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 46, n. 4, p. 674-684, Aug. 2012

REFERÊNCIAS

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Atlas da Vulnerabilidade Social nos municípios brasileiros Brasília**: IPEA; 2015.

JÁ SABE o que fazer para se proteger do novo coronavírus?. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos** , [S. I.], p. 1-3, 31 mar. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/Corona_banner_LGBT.pdf. Acesso em: 26 abr. 2020.

LBTI Caucus Statement in Response to the Covid-19 Pandemic. **Global LGBT Human Rights**, [S. I.], p. 1-6, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://outrightinternational.org/print/content/lbti-caucus-statement-response-covid-19-pandemic?fbclid=IwAR3aK-qw84aDSN9k4cJrqJOldxubjpoqB2YvqYG7n-JHdBS3U4P2n7gVEZw>. Acesso em: 22 abr. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

‘NÓS somos invisíveis’: trabalhadoras sexuais são afetadas pela pandemia. **TAB UOL**, [S. I.], p. 1-3, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/nos-somos-invisiveis-trabalhadoras-sexuais-afetadas-pelo-coronavirus.htm>. Acesso em: 26 abr. 2020.

PARAISÓPOLIS tenta proteger mais vulneráveis contra coronavírus e miséria. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/paraisopolis-tenta-proteger-mais-vulneraveis-contra-coronavirus-e-miseria.shtml>>. Acesso em 22 de abr. de 2020.

PASTERNAK, Suzana; D'OTTAVIANO, Camila. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do Censo de 2010. **Cadernos Metrópole**, [S.I.], v. 18, n. 35, p. 75-100, mar. 2016. ISSN 2236-9996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/2236-9996.2016-3504/19147>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

RELATORA da ONU recebe informações sobre violência contra mulheres durante crise de COVID-19. [S. I.], 20 abr. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/relatoria-da-onu-recebe-informacoes-sobre-violencia-contra-mulheres-durante-crise-de-covid-19/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

RIGHTS in the time of COVID-19. **Lessons from HIV for an effective, community-led response**, UNAIDS, p. 1-20, 20 mar. 2020. Disponível em: https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/human-rights-and-covid-19_en.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

WHAT to Know About HIV and COVID-19. **Centers for Disease Control and Prevention**, [S. I.], p. 1-3, 18 mar. 2020. Disponível em: https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/need-extra-precautions/hiv.html?CDC_AA_refVal=https%3A%2F%2Fwww.cdc.gov%2Fcoronavirus%2F2019-ncov%2Fspecific-groups%2Fhiv.html. Acesso em: 22 abr. 2020.